

Práxis e palavra: diálogo entre Freire e Kosik

Ivo Dickmann¹

Jean Marcos Pereira²

RESUMO

O presente estudo busca contribuir para a compreensão da Práxis e da Palavra no campo da educação e da formação de professores, tendo como base o pensamento de Paulo Freire e Karel Kosik. Tendo por base a obra *Pedagogia do Oprimido*, são apontadas contribuições de Freire pertinentes à práxis, estabelecendo um diálogo com a obra *Dialética do Concreto de Kosik*, que tanto influenciou Freire nesse conceito. Considera-se que o educador necessita, pela natureza do seu trabalho, vivenciar uma formação de natureza científica, artística, ética, estética e técnica, portanto, atividades de teoria e prática. Ao final, apresentam-se considerações indicativas sobre a articulação da práxis com a formação de professores e a produção de conhecimento engajado para a formação integral dos seres humanos em vista do mercado e da cidadania.

Palavras-chave: Práxis. Palavra. Formação de Professores.

Praxis and word: dialogue between Freire and Kosik

ABSTRACT

The present study seeks to contribute to the understanding of praxis and “word” in the field of education and teachers’ training, based on the thoughts of Paulo Freire and Karel Kosik. Based on the work *Pedagogy of the Oppressed*, Freire’s contributions pertinent to praxis are pointed out, establishing a dialogue with Kosik’s *Dialectics of the Concrete*, which influenced Freire so much in this concept. It is considered that the

1 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professor Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ. Líder do PALAVRAÇÃO - Grupo de Estudos, Pesquisa e Documentação em Educação Ambiental Freiriana. <https://orcid.org/0000-0002-6293-8382>. E-mail: educador.ivo@unochapeco.edu.br

2 Graduado em Letras Português e Inglês. Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa ACT na Rede Estadual de Santa Catarina. Representante Sindical SINTE. E-mail: jeanmarcos@unochapeco.edu.br

educator needs, by the nature of his work, to experience a training of a scientific, artistic, ethical, aesthetic and technical nature, therefore, activities of theory and practice. In the end, we present indicative considerations on the articulation of praxis with the teachers' training and the production of knowledge engaged in the formation of human beings in view of the market and citizenship.

Keywords: Praxis. Word. Teachers' training.

Praxis y palabra: diálogo entre Freire y Kosik

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo contribuir a la comprensión de Praxis y Palabra en el campo de la educación y la formación docente, basada en el pensamiento de Paulo Freire y Karel Kosik. Sobre la base de la Pedagogía del oprimido, se destacan las contribuciones de Freire pertinentes a la praxis, estableciendo un diálogo con el trabajo Dialéctica del Concreto de Kosik, que influyó tanto en Freire en este concepto. Se considera que el educador necesita, por la naturaleza de su trabajo, experimentar una formación de índole científica, artística, ética, estética y técnica, por lo tanto, actividades de teoría y práctica. Al final, presentamos consideraciones indicativas sobre la articulación de la praxis con la formación de docentes y la producción de conocimiento comprometido en la formación integral de los seres humanos en vista del mercado y de la ciudadanía.

Palabras clave: Praxis. Palabra. Formación de profesores.

Introdução

Investigar o pensamento de Paulo Freire significa abordar conceitos elaborados por ele que se tornaram contribuições para a reflexão da prática educacional e a formação de professores, especialmente dialogando com outros autores que serviram de suporte para a construção do seu legado. Os textos freirianos como um todo nos levam a discutir e redimensionar a nossa práxis educativa, mas, ao mesmo tempo, implicam dialogar com o autor para reinventá-lo, atualizá-lo, reinterpretá-lo, como era o seu desejo; pesquisar Paulo Freire significa, ainda, abordar temas relacionados com a educação e práxis educativa.

Esse trabalho objetiva um diálogo e aproximação entre os autores – Freire e Kosik –, revelando a importância da práxis no trabalho docente. Acabamos abordando também tópicos específicos, como as relações dialéticas da concretude em Kosik e a importância do ato da leitura evidenciado por Freire. Essas questões, aliadas à importância da práxis, oferecem consistência para uma pedagogia libertadora, fundamentada numa Filosofia da Educação construída por Freire, a partir de um conjunto de referenciais, entre eles e de forma marcante, a *Dialética do Concreto*, de Karel Kosik³.

À práxis Kosik dedica parte de um capítulo de sua obra, relacionando-a à totalidade; e Freire discute de maneira especial no terceiro capítulo da *Pedagogia do Oprimido*, identificando a práxis à palavra humana.

Para melhor entendimento do leitor, dividimos o texto em cinco partes: Introdução; Problema e metodologia; Kosik: a práxis; Freire: práxis e a palavra; Formação de professores na perspectiva da práxis; Considerações Finais.

Problema e metodologia

Existem inúmeras pesquisas sobre o pensamento pedagógico de Freire, porém, abordar o tema das práxis e da palavra pode nos levar a refletir sobre nossa prática docente, principalmente quando relacionamos a educação política dos educandos como um dos temas centrais na pedagogia freiriana, não somente como uma constatação do cotidiano, mas como uma relação da teoria e prática com a transformação da realidade.

Neste sentido, o que nos instigou a pesquisar era saber: quais as contribuições de Paulo Freire e Karel Kosik a partir da relação práxis-palavra, numa perspectiva crítica de Educação, para uma reflexão acerca da prática docente? Para abordar esta questão, objetivamos investigar a *palavra* na pedagogia de Freire, especialmente na obra *Pedagogia do Oprimido*, estabelecendo um diálogo com Kosik, como contribuição e diferencial na formação do educador, ao estabelecer uma aproximação dialética entre ação e reflexão, como elementos constitutivos da palavra (pronunciamento do mundo e sua transformação).

³ Em entrevista aos autores ainda não publicada, a viúva Nita Freire afirmou que Paulo Freire admirava tanto Karel Kosik que a viagem mais marcante que fez ao lado de seu marido foi um encontro com Kosik na República Tcheca.

A metodologia da pesquisa segue as características de uma pesquisa qualitativa, que prioriza o texto e o discurso e sua análise, em vez de números, estatísticas ou comparações (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Os procedimentos metodológicos compreenderam a pesquisa bibliográfica, incluindo a leitura, fichamento e discussões dos textos previamente selecionados. A partir da leitura das obras em pauta, foi realizado um diálogo, tendo como base o tema central na obra de Paulo Freire: a práxis e a palavra, entendendo que essa relação é importante para pensar a constituição de uma educação e formação docente libertadora.

Karel Kosik: a concretude da práxis

O conceito de práxis tem sua origem na história da Filosofia, quando os gregos afirmaram a união indissociável entre teoria e prática, como resultado do discurso articulado com a ação, como um exercício de reflexão-ação. Mais tarde, na modernidade, especialmente com Marx, a práxis adquire o sentido que tem hoje, de ação transformadora da realidade concreta.

A concretude real, para este autor, advém de uma práxis multilateral, não fragmentada, que permita uma compreensão da essência das coisas e só se consegue chegar à essência com a ajuda da ciência, dos conhecimentos, da teoria. Ou seja: para se compreender o mundo em sua concretude, o conhecimento teórico é necessário.

Sobre a práxis, Kosik afirma que ela é ativa, produz-se historicamente por meio da atividade humana. A práxis não deve ser confundida meramente com trabalho, pois também possui uma dimensão existencial. Para o autor, a redução da práxis a trabalho é o que a fetichiza e impede que, por meio dela, o homem conheça sua essência e a essência de sua relação com o mundo.

O humano só pode mudar a sua realidade se compreender que é, ao mesmo tempo, produzido por ela, mas também produtor dela. Trazendo a discussão para o papel da escola na educação e a função da mesma, é reforçado mais uma vez o caráter precípua da teoria: a necessidade de o processo de ensino fornecer ferramental básico para que o gênero humano possa compreender a essência dos fenômenos, inclusive, os que ele mesmo, socialmente e historicamente situado, produz.

A problemática da práxis na filosofia materialista não se apoia na distinção de dois campos da atividade humana – uma teórica e outra prática; nem vem da forma histórica de relação com a transformação da natureza e os homens como objetos que a manipulam e de manipulação. Ela nasce como resposta ao questionamento: “Quem é o homem, o que é a sociedade humano-social, e como é criada essa sociedade?” (KOSIK, 2002, p.201).

A práxis é um modo dialético de compreender o mundo a partir da relação entre ação e reflexão, entre a prática e a teoria. Para os educadores em processo formativo permanente na sala de aula, desenvolver um pensamento e uma prática pedagógica baseados na práxis é possibilitar uma reflexão crítica sobre o que fazem, para fazer sempre melhor, refletindo sobre a prática e pensando sobre as ações do cotidiano escolar (KOSIK, 2002).

Enquanto parte do processo educativo, o ato pedagógico requer uma atenção direta aos sujeitos que estão envolvidos e aos fins próprios da ação deles. Paulo Freire aprofunda o conceito de práxis no universo da educação, ao conectá-lo à sua antropologia pedagógica cultural (FREIRE, 2010). Também observamos esse conceito em Kosik, mostrando a capacidade do sujeito de atuar e refletir, isto é, de transformar a realidade de acordo com as finalidades delineadas pelo próprio ser humano.

No conceito da práxis, a realidade humano-social se desvenda como o oposto do ser dado, isto é, é formadora e ao mesmo tempo forma específica do ser humano. A práxis é esfera do ser humano. Nesse sentido, o conceito de práxis constitui o ponto culminante da filosofia moderna [...] Na práxis do homem advém algo essencial, que contém em si mesmo a própria verdade [...] (KOSIK, 2002, p. 221-222).

A práxis do homem não é atividade prática que se contrapõe à teoria, ela determina a existência humana como criadora de realidades. Assim, a práxis é ativa, ou seja, se produz historicamente e se renova continuamente.

Há, porém, uma falta de clareza nos conceitos de práxis, que acabam definindo o trabalho pela práxis e reduzindo a práxis a trabalho. Sendo o modo específico do homem, a práxis se articula com ele de modo essencial, em todas suas manifestações, não apenas algumas, o que inclui também o campo da Educação.

A práxis compreende, além do momento laborativo, também o momento existencial. Ela se manifesta tanto na atividade objetiva do homem como na formação da subjetividade humana. Sem o momento existencial, o trabalho deixaria de ser parte da práxis. A práxis é tanto domínio da natureza quanto realização da liberdade humana.

A práxis possui ainda outra dimensão:

Na práxis se realiza a abertura do homem para a realidade geral [...] A criação da realidade (humano-social) constitui o pressuposto da abertura e da compreensão da realidade em geral. A práxis como criação da realidade humana é ao mesmo tempo o processo no qual se revelaram em sua essência, o universo e a realidade. (KOSIK, 2002, p. 225).

Na práxis e baseado na práxis, o homem ultrapassa sua animidade e estabelece uma relação de totalidade com o mundo. Na abertura, o homem ultrapassa sua mortalidade e se põe em contato com a totalidade, e por que não dizer, em contato com a transcendentalidade. É na totalidade que o homem estabelece sua relação de ser finito com o infinito e sua abertura diante do ser, sobre as quais se baseia a possibilidade da linguagem e da poesia, da pesquisa e do saber. E estas são possibilidades que interessam ao campo da Educação.

Conforme nos ensinam Pio, Carvalho e Mendes (2014, p. 5):

Teoria e prática são elementos interligados, interdependentes. Ambas são necessárias e se complementam através da práxis. O sentido de uma está na relação com a outra. A prática sem a teoria, desprovida da reflexão filosófica, se constitui em atividade cega e repetitiva. A teoria sem o substrato da prática transformadora se constitui num vazio lógico abstrato. Não se concebe uma práxis teórica e tão pouco se admite colocar um sinal de igualdade entre práxis e pragmatismo.

É na e pela práxis que o ser humano muda o seu meio e se autotransforma, se cria e se recria, pela ação-reflexão-ação, superando a dicotomia da teoria e da prática, construindo sua história como sujeito e protagonista da cultura.

A práxis é criadora da realidade e se caracteriza como princípio da construção do homem novo pelo trabalho, como pressuposto fundamental de uma ontologia crítica e de uma nova sociedade (FRIGOTTO, 2017).

Assim, a práxis assinala a atividade humana que o produz como sujeito histórico-cultural. A práxis é, dessa forma, a atividade transformadora, criadora e autocriadora do ser humano e do lugar onde ele vive e interage. Não são ações isoladas de pessoas ou grupos, mas intervenções entre sujeitos singulares e o gênero humano, pois a práxis articulada em sua dialética fornece os meios necessários para se estabelecer e compreender as relações entre o sujeito e a totalidade (PIO; CARVALHO; MENDES, 2014).

A categoria práxis materializa-se no pensamento pedagógico emancipatório e o educador brasileiro, o pernambucano Paulo Freire, através de suas descobertas metodológicas no trabalho com jovens e adultos, foi um dos teóricos da educação que recolocou a questão da práxis na construção da pedagogia do oprimido, uma pedagogia libertadora com traços emancipatórios e críticos, aos moldes de uma “pedagogia da práxis”.

Paulo freire: a práxis e a palavra

A percepção de Freire que palavra e práxis são a mesma coisa, ditas de formas diferentes e se distingue dos demais intelectuais de sua época ao encharcar de sentido essa nova formulação, quando aproxima sua reflexão do mundo concreto da vida cotidiana. Na citação a seguir é possível perceber a sensibilidade e a amorosidade com que Freire constrói essa ressignificação da palavra/práxis:

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros – do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas das chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims –, no corpo das árvores, na casca dos frutos. (FREIRE, 1983, p. 13).

Para Freire (1987), o processo de ensino deve ter como princípio o diálogo, a partir da concretude da práxis. Ele chama a atenção no

sentido de que a palavra, por meio do diálogo, tem o poder de provocar reflexões/ações. Assim, pelo caráter de provocar práticas, a palavra torna-se a própria práxis. “A palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as; não é só pensamento, é ‘práxis’”. (FREIRE, 1987, p. 96).

Sendo essa a relação palavra-práxis, Freire ressalta a necessidade da alfabetização, considerando-a a própria pedagogia. Seu pensamento encontra o de Kosik, no sentido de que uma práxis (ou palavra) é histórica e dinâmica, constantemente em mutação.

[...] aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. E a sua palavra humana imita a palavra divina: é criadora. A palavra é entendida, aqui, como palavra e ação; não é o termo que assinala arbitrariamente um pensamento que, por sua vez, discorre separado da existência. É significação produzida pela “práxis”, palavra cuja discursividade flui da historicidade – palavra viva e dinâmica, não categoria inerte, exâmine. Palavra que diz e transforma o mundo. A palavra viva é diálogo existencial. (FREIRE, 1987, p. 81).

Pensar em educação libertadora é entender que o diálogo proporciona a capacidade dos sujeitos de se organizar, programar os conteúdos do processo educacional. Os conteúdos programáticos devem levar em conta a realidade, situação presente do sujeito.

Com essa organização, o educador tem a capacidade de pensar em métodos temáticos e ativos de ensino, que realmente façam diferença na vida do educando, considerando sua percepção e visão do mundo, para então transformar sua forma de pensar para um pensamento cada vez mais crítico. Na perspectiva freiriana, a educação deve se refazer constantemente na práxis, na criticidade, na criatividade, em vista da transformação da realidade em que estão inseridos os sujeitos do processo pedagógico.

Ao pensar nas questões de concretude e totalidade, em que a realidade é produtora da práxis e reinventada pela práxis, percebe-se um possível diálogo entre Freire e Kosik. Para Freire, a investigação e compreensão da totalidade proporcionam o entendimento do próprio pensar do povo. Com esse entendimento, conseguimos superar as dificuldades, produzir ações que provoquem alternativas de transformação e inserção desse sujeito numa realidade ainda melhor e de maior dignidade huma-

na. Assim, a práxis (palavra) é um modo de superação da contradição opressor-oprimido. É através da palavra, da linguagem, da alfabetização, que o homem ganha ferramentas para transformar o mundo.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 1987, p. 58).

No seu livro *A Importância do Ato de Ler*, Freire critica uma visão mágica da palavra. Essa magicização seria o ato da leitura apenas pela leitura, no qual basta a memorização para efetuar a “leitura do mundo”. É uma crítica de Freire à leitura de centenas e centenas de páginas sem aprofundamento, sem uma abordagem crítica sobre o conteúdo do texto e do contexto. Se em Kosik e Marx temos a práxis como ação transformadora e não como prática rotineira, é válida a crítica de Freire. Para que o ato de ler gere transformação e o que foi lido seja incorporado efetivamente à prática do homem, é preciso que haja aprofundamento e engajamento no processo de leitura, tornando-o crítico. É esse processo crítico que leva à ação-reflexão, prática libertadora.

É neste sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não é associada, sobretudo, a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica. (FREIRE, 2011, p. 51).

Segundo Araújo Freire (2015), Paulo Freire criou uma leitura de mundo, uma epistemologia da educação, uma teoria do conhecimento, uma compreensão crítica na qual dizer a palavra é ler o contexto do mundo ditado pelo texto. Entendemos, por isso, que a palavra verdadeira é práxis transformadora, porque ela tem intenção de dizer não a palavra vazia, mas a palavra certa, a palavra verdadeira, que é pronunciamento do mundo e sua transformação.

Usar e valorizar a palavra, nesses conceitos, é o resultado do diálogo mais profundo de respeito entre educadores e educandos, respeitando cada um em suas vivências e história.

Dizer a palavra verdadeira é possibilitar que sejamos sujeitos da história e também possamos sair da condição de apenas objeto da sociedade. O texto escrito ou falado – científico ou filosófico – para ser verdadeiro tem que carregar a possibilidade de que os nossos leitores e leitoras entendam a que e a quem queremos estar comunicando e servindo. O porquê de dizermos isso e não aquilo. O porquê de escrevermos isso e não aquilo. Temos que estabelecer com os educandos o diálogo que necessariamente tem que ser gerado pelas respostas às perguntas fundamentais de sua realidade e vivências.

O texto falado ou escrito criado sem contexto é amontoado de signos vazios dos significados, contrariando os sujeitos históricos que somos. Texto e contexto, quando não relacionados pelo diálogo entre os seres humanos, são coisas subjetivistas e objetivistas que dicotomizam a integridade dialética própria da prática pedagógica e existência humana (ARAÚJO FREIRE, 2015).

A práxis é um movimento pedagógico que se empenha na luta por liberdade, uma pedagogia emancipadora e crítica. “A práxis se constitui a razão nova da consciência oprimida e que a revolução, que inaugura o momento histórico desta razão, não pode encontrar viabilidade fora dos níveis de consciência oprimida” (FREIRE, 1987, p. 53). Ser um ser da práxis implica a conscientização do entorno, do lugar de vivência em vista de sua transformação, da mudança radical do mundo concreto. Para Paulo Freire, aprender é um ato cognitivo e político. O conhecimento é produzido para mudar o mundo e, desse modo, Freire se aproxima muito da compreensão de Marx e Engels (2001) em *A Ideologia Alemã*, quando afirmam que não basta só conhecer o mundo, mas sim, transformá-lo. A práxis em Freire tem herança forte de Kosik, mas também destes outros dois autores.

Formação de professores na perspectiva da práxis

A referência mais frequente à “formação” ocorre nos processos vinculados à formação profissional. Todavia, nem mesmo nesses casos se faz um grande esforço para elucidar seu significado. Poderia se dizer que, em sua concepção mais habitual, ela remete a um processo de pre-

paração com a intenção de capacitar os indivíduos para a realização de certas atividades (ZABALZA, 2004). Dentro desse contexto, a formação de professores surge como a preparação profissional do professor para o exercício da docência.

Apesar de formados, ou seja, preparados especificamente para o exercício de tal docência, os meios de comunicação, implacáveis em sua ânsia de levar ao consumo a qualquer custo, exploram a imagem do professor como um ser anacrônico, sempre em situação de desvantagem (VASCONCELOS, 1996).

Disso decorre uma desvalorização social do professor, a ponto de ele mesmo assumi-la, autodepreciando-se pessoal e profissionalmente. Tudo isso provocou um profundo mal-estar, uma verdadeira crise de identidade entre os educadores, crise esta muitas vezes não compreendida nem resolvida (VASCONCELOS, 1996). Tal crise guarda sua relação com os processos de formação inicial e, muitas vezes, justificam a necessidade de formação continuada.

De acordo com Gatti e Baretto (2009), a formação continuada parte de uma ideia inicial de desenvolvimento profissional contínuo e aquisição de novos conhecimentos e habilidades. Porém, inconsistências históricas nos programas de formação de professores no Brasil acabaram originando cursos de formação inicial com fragilidades, levando a formação continuada a servir como autêntico “tapa buraco” para eventuais déficits com que o professor venha a se deparar.

Entretanto, entendemos que o que vai dar direção de superação para o professor é a esperança de construir uma realidade diferente e a escola poder contribuir para a concretização de uma sociedade mais humana a partir de uma formação, inicial ou continuada, mais sólida do docente.

Esta visão crítica da educação se dá fundamentalmente em relação com o outro. Neste sentido, não existe conhecimento crítico “em si”. O que vai dar criticidade ou não são as relações que o sujeito vai estabelecer, a partir da provocação do outro e do meio. Daí o papel mediador do professor entre o educando, objeto do conhecimento e realidade.

O professor tem em suas mãos o poder de mudança, limitado, mas real, que articulado com outras frentes de luta pode levar a uma transformação da prática educacional na direção de um ensino de melhor qualidade e mais democrático (VASCONCELOS, 1996). E a formação do educador certamente ocupa papel de destaque nesse processo de criticidade que leva à mudança.

A essência da atividade prática do professor é o ensino/aprendizagem, ou seja, é o conhecimento técnico prático de como garantir que a aprendizagem se realize como consequência da atividade de ensinar. A aprendizagem precisa ser compreendida como determinada em uma realidade histórico-cultural (PIMENTA, 1997). Conhecimento este que, idealmente, deve ser adquirido junto aos processos formativos do professor.

O pensamento freiriano pode nos ser caro para uma melhor compreensão da inserção e da importância do conceito de práxis dentro do processo pedagógico denominado “formação de professores”. A reflexão acerca dos conceitos pedagógicos do docente e da educação no pensamento de Paulo Freire compreende ação fundamental no processo de compreensão da sua teoria pedagógico-libertadora. O embate entre o ser mais e o ser menos configura o pensamento freiriano. A educação, para Freire, está ligada às concepções de consciência e conscientização, criticidade, prática da liberdade, dialogicidade, politicidade e cognoscibilidade.

O pensamento freiriano se constituiu a partir de trajetórias ligados à historicidade própria do autor, afirmando, sobretudo, o caráter político e filosófico que guiaram os seus horizontes reflexivos, assim como a sua insistência na educação como crença no educador e um mundo melhor.

A alienação do trabalhador docente ocorre quando sua atividade produtiva deixa de ser manifestação essencial do homem, para tornar-se trabalho forçado e não voluntário, determinado por necessidades externas. Assim sendo, o trabalho deixa de ser a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer necessidades alheias a ele. O trabalho docente não desenvolve a energia física e espiritual, torna-se, antes disso, sacrifício de ser, sua “mortificação”. A consequência disso é uma profunda degeneração dos modos do comportamento do docente.

O conceito da práxis revolucionária: uma atividade em que a teoria se modifica constantemente por meio de prática, e vice-versa. Importa, então, investigar a relevância da práxis na educação e formação de professores, como forma de evitar o alienamento da prática do docente. Karel Kosik, ao ler Marx, propõem, nos anos 1960 em sua primeira edição da *Dialética do Concreto*, uma atualização dos conceitos da práxis de Marx. Freire, mais tarde, em sua obra, dialoga com Kosik, trazendo a práxis para o universo da pedagogia com uma proposta de educação emancipatória.

Além de uma formação que articule de modo permanente o saber e o fazer, a teoria e a prática, o âmbito do conhecimento no plano sócio-histórico, imprimindo historicidade às experiências, a ação crítico-prática que implica uma epistemologia do trabalho docente, é preciso estar atento também a uma ampliação da concepção de educador que está posta na atual organização da sociedade capitalista.

Esta característica implica uma formação que tenha como fundamento a unidade ou organicidade entre escola e sociedade que permitiria ao educador desenvolver uma proposta pedagógica fundada no conceito de práxis relacional historicizada. Esta perspectiva de formação está fortemente ancorada nas relações teoria-prática que se configuram na experiência prática do educador e se constituem juntamente com a teoria no fundamento da práxis.

A prática cotidiana do educador constitui sem dúvida a possibilidade concreta de construção do conhecimento e da síntese entre o conhecimento tácito e o conhecimento científico. A prática representa a possibilidade e o limite de construção de uma práxis transformadora, na medida em que contém todos os elementos históricos de afirmação dos sujeitos no mundo, abrindo a possibilidade de se construir e trabalhar com os conhecimentos socialmente significativos. Ao desenvolver uma prática pedagógica que consiga superar tantos limites, o educador pode contribuir para introduzir elementos de ruptura no monopólio do conhecimento, que caracteriza o funcionamento do capitalismo.

Considerações finais e indicativas

As contribuições de Paulo Freire, de sentido e significado para a Educação possibilitam levantar algumas considerações indicativas referentes aos desafios políticos e epistemológicos da formação inicial e continuada de educadores na perspectiva da práxis educativa que permita a reflexão sobre a teoria e a prática pedagógicas (REZER et al., 2018). Dessa forma, todo processo de formação precisa fomentar vivências em círculos dialógicos e partilha de experiências, leituras e questionamentos acerca da práxis e palavra e de aprendizado mútuo, de auto(trans)formação (HENZ; TONIOLO, 2015).

Valorizar a autoestima e dignidade da função social nos educadores é garantir, acima de tudo, sua qualificação profissional, em torno da criticidade, da criatividade, da curiosidade epistemológica, da

metodologia, da afetividade e da relação dialógica com os educandos, em vista de uma práxis pedagógica para a autonomia efetivamente libertadora. É necessário conscientizar o educador da importância do processo interdisciplinar na prática educativa, diálogo entre diferentes conhecimentos e saberes, desde o popular ao científico, na discussão dos problemas atuais relativos à educação e prática docente, dada a complexidade dos mesmos.

A atividade docente precisa ser um processo que lhes possibilite transitar da consciência ingênua para uma consciência crítica, comprometendo-se com a transformação da realidade, mediada pelos seus educandos, enquanto vivenciam sua formação na linha da autonomia e participação cidadã.

O interesse pela conexão entre o pensamento pedagógico de Paulo Freire e o de outros autores, que com ele dialogam e buscam nele suporte para as suas argumentações no campo da educação, apresenta grandes desafios: não se esgotam as contribuições freirianas que merecem ser aprofundadas e explicitadas no que têm a oferecer em prol de uma educação comprometida com a formação de sujeitos autônomos.

Ao denunciar a opressão, desumanização de uma sociedade de classes e convocar os oprimidos e explorados a desvendar o mundo para transformá-lo, Paulo Freire estreita a conexão com o pensamento marxista, notadamente com o teórico mexicano Adolfo Sánchez Vázquez, estudioso da práxis. A pedagogia do oprimido, a educação libertadora, a educação problematizadora – todas concebidas por Freire são propostas pedagógicas que imbricadas à práxis se constituem instrumentos de luta de libertação do ser humano, no campo educacional.

O caráter dialógico do processo educativo libertador, portanto, revolucionário, apresentado por Freire resgata a humanização do oprimido, restituindo-lhe a condição de sujeito de direitos, na ação-reflexão do direito de ser mais. A ação dialógica é ação-reflexão, portanto, práxis libertadora. Sem diálogo entre os oprimidos e explorados não há prática revolucionária. Contudo, constatamos que as instituições de formação e de trabalho docentes e sujeitos envolvidos, professores e pesquisadores, não atentaram ainda, em sua maioria, para o peso que esta categoria tem na compreensão da realidade educacional e na organização de práticas docentes orientadas para a emancipação.

Nesse sentido, cabe aqui elencar algumas considerações indicativas de como a práxis se articula intimamente com a formação e a prática docente em sala de aula, especialmente no que tange à produção de conhecimento engajado com a mudança do mundo:

- Para romper com a práxis fragmentada e fetichizada, é necessário o conhecimento da realidade educacional como condição de sua compreensão e superação histórica, o que implica uma formação inicial de educadores articulada com a realidade concreta da escola, vinculada a uma visão crítico-política do processo de ensinar e aprender;
- O conhecimento é construído e mediado pelo educador como histórico e social, sendo, portanto, criação e recriação de todos os sujeitos envolvidos no processo educacional, permitindo que a relação educador-educando se constitua dialogicamente num pronunciamento do mundo em que ambos dizem a sua Palavra transformadora, ou seja, conhecem o mundo para transformá-lo;
- Construção de possíveis ações que tenham a perspectiva histórica de transformação da realidade social, o que permite falar de um conhecimento engajado, atividade da práxis, contribuem para a mudança das estruturas sociais injustas e desiguais, tornando a educação um fazer político-pedagógico;
- A práxis político-pedagógica em que educandos e educadores são sujeitos do processo de transmissão-assimilação-superação-construção do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade e elaborado no coletivo é resultado do diálogo amoroso e intersubjetivo em vista da transformação da realidade;

Desse modo, conclui-se que a práxis é uma categoria importante para ser retomada em futuras pesquisas para contribuir na formação inicial de docente e para pensar as condições cotidianas de trabalho dos educadores. A práxis é uma matriz de análise da dialética contida no dia a dia da escola e da universidade, tomada as duas como lugar da construção do conhecimento e do fazer-se humano (humanização), da formação profissional e preparação para o trabalho e para a cidadania plena. Nesse rumo, Freire e Kosik têm contribuições que ainda foram pouco exploradas e que demandam um aprofundamento no que diz respeito à práxis.

Referências

ARAÚJO FREIRE, Ana Maria. A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 291-298, maio/agosto, 2015.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. 22. reimp. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos; 38).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Patrocínio Solon. **Pedagogia da práxis: o conceito do humano e a educação no pensamento de Paulo Freire**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Dermeval Saviani e a centralidade ontológica do trabalho na formação do “homem novo”, artífice da sociedade socialista. **Interface: comunicação, saúde, educação**. Botucatu, v. 21, n. 62, p. 509-519, 2017.

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília, UNESCO, 2009.

HENZ, Celso Ilgo; TONIOLO, Jose Medianeira dos Santos Andrade. **Dialogus: círculos dialógicos, humanização e auto(trans)formação de professores**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARX, Karl. **O capital**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1985-1986.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PIO, Paulo Martins; CARVALHO, Sandra Maria Gadelha; MENDES, José Ernandi. Práxis e prática educativa em Paulo Freire: reflexões para a formação e a docência. ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 17., 2014, Fortaleza, **Anais** [...]. Fortaleza: UECE, nov. 2014.

PISTORE, Claudio Roberto. **Formação Política e ideológica do trabalhador da educação**. Florianópolis: Insular, 2003.

REZER, Ricardo et al. **Desafios políticos e epistemológicos da formação continuada**: reflexões epistêmico-pedagógicas. Chapecó: Argos, 2018.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o Professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. São Paulo: Libertad, 1996.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Recebido: Setembro/2019

Aceito: Outubro/2019